

# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado

Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)



Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)

Arquitetura e Urbanismo: Competência  
e Sintonia com os Novos Paradigmas do  
Mercado

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-485-6 DOI 10.22533/at.ed.856191807  1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo.  CDD 720
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que, a convite da Editora Atena, apresento a primeira edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado”. Esta edição, composta por 23 capítulos, apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e do urbanismo, como: arquitetura, planejamento urbano, tecnologia e preservação do patrimônio cultural.

Um dos temas amplamente discutidos aqui é a preservação da paisagem como patrimônio cultural. Desde 1992, quando a Unesco incluiu a paisagem cultural como bem passível de preservação, inúmeros estudos e pesquisas mostram a importância da discussão do tema no território nacional. Porém, a valorização e o fomento à proteção da paisagem como bem cultural ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas nacionais.

Assim, o foco do presente livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel social da arquitetura e do urbanismo contemporâneo. Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas públicas ou privadas, que socializam o acesso a estas importantes pesquisas e reflexões.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL	
Linda Maria de Pontes Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.8561918071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL	
Dayanne Vieira Maia	
Rosélia Perissé da Silva Piquet	
DOI 10.22533/at.ed.8561918072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A ATUAÇÃO DO SETOR PRIVADO NOS SISTEMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM MARINGÁ-PR: CONFLITOS E REPERCUSSÃO NA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO	
Leonardo Cassimiro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.8561918073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
AGRICULTURA URBANA: UMA FORMA DE INTERVENÇÃO SUSTENTÁVEL	
Talissa Fernanda Bussacro Serafin	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
O MEIO FÍSICO COMO CONDICIONANTE NO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO URBANO-PAISAGÍSTICA	
Eder Donizeti da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
PAISAGEM CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Jefferson Eduardo da Silva Morales	
Georgia Patrícia da Silva Ferko	
Graciete Guerra da Costa	
Elizabeth Melo Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918077	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM SONORA HISTÓRICA: DOS SONS DO PASSADO NA IDENTIDADE DO PATRIMÔNIO	
Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto Ernaní Simplício Machado Miriam Carla do Nascimento Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8561918078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL: METODOLOGIA APLICADA EM ITAGUAÇU – ES	
Amanda Guimarães Meneses	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8561918079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
BUENOS AIRES E A HABITAÇÃO OBREIRA PERONISTA: <i>BARRIO 17 DE OCTUBRE</i>	
André Luis Rodrigues Bering Nara Helena Naumann Machado Raquel Rodrigues Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
PAISAGEM CULTURAL NO CONTEXTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Claudio Antonio Santos Lima Carlos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>137</b>
A FERROVIA E SEUS CAMINHOS NO DESENVOLVIMENTO URBANO	
Adriana Cristina Gonçalves Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>149</b>
A PAISAGEM CULTURAL DO ENGENHO CENTRAL DE PIRACICABA NA DINÂMICA FABRIL DA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO	
Marcelo Cachioni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>162</b>
INTERVENÇÕES URBANAS: OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PAISAGEM CULTURAL RIBEIRINHA DA VILA ELESBÃO (AP)	
Luana Marques Vieira Guilherme Pantoja Alfaia Victor Guilherme C Salgado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>175</b>
A PRESENÇA ESLAVA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE – BRASIL	
Jania Maria de Paula	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180715</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>188</b>
O BAIRRO POTI VELHO EM TERESINA-PI: PERSPECTIVAS DE PROTEÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL	
Mariana Monteiro Scabello Andréa Lourdes Monteiro Scabello Marina Brito de Oliveira Marques Marjorie Brito de Oliveira Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>200</b>
RUA DO HORTO: RELIGIÃO E A FORMAÇÃO DE UMA PAISAGEM CULTURAL	
Marília Jerônimo Costa Sarah Brandeburski Farias Gabriella Donato de Oliveira Lima Jussara Bióca de Medeiros Timótheo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>213</b>
VIA-PARQUE DAS GRAÇAS: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO SOCIAL	
Marcela Correia de Araujo Vasconcelos Zulim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>224</b>
DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM URBANA: RADIAL AVENIDA JOÃO PESSOA, PORTO ALEGRE – RS	
Cristiane dos Santos Bitencourt Schwingel Raquel Rodrigues Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>236</b>
MUITO ALÉM DO EMBELEZAMENTO	
Raquel Silva dos Santos Ana Elisabete de Almeida Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>250</b>
CARTOGRAFIA SOCIAL DA PAISAGEM CULTURAL DO MUNICÍPIO DE IRAQUARA - BA: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO TERRITORIAL PARTICIPATIVO	
Luciana Almeida Santos Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>264</b>
CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE MONUMENTOS CULTURAIS EM COLATINA	
Wellington Gomes da Silva Ana Lucia Reis Melo Fernandes da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180722</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>278</b>
CENTRO CULTURAL FILÉ DA BARRA: ANTEPROJETO DE UM ESPAÇO CULTURAL E DE LAZER O PARA O BAIRRO DO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ – AL	
David Alves de Andrade Alexandre da Silva Sacramento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>291</b>
ANÁLISE ESPACIAL DE VISIBILIDADE APLICADA A GESTÃO DA PAISAGEM CULTURAL REMANESCENTE DOS CAMINHOS DE TROPAS NA REGIÃO DA COXILHA RICA, SANTA CATARINA	
Edenir Bagio Perin Adolfo Lino de Araújo Flavio Boscatto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85619180724</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>303</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>304</b>

## LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

**Linda Maria de Pontes Gondim**

**RESUMO:** Este artigo discute a recepção, por pesquisadores do urbano no Brasil, do legado da Escola de Sociologia de Chicago, definida como um grupo de pesquisadores que trabalharam no Departamento de Sociologia daquela Universidade sob a liderança de W. Thomas e R. Park, de 1915 a 1935, e numa segunda fase, de 1945 a 1960, sob a influência de H. Blumer and E. Hughes. Professores e seus orientandos utilizavam uma perspectiva interdisciplinar, combinando métodos quantitativos e qualitativos para pesquisar temas relacionados ao rápido e desordenado crescimento de Chicago. Os fluxos migratórios de regiões europeias e do Sul dos Estados Unidos produziam áreas segregadas onde se alojavam grupos étnicos e ocupacionais, inclusive ilegais, como gangues e prostitutas. A Escola de Chicago teve grande influência no início da institucionalização da sociologia no Brasil, mediante a presença de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, nos anos 1940 e 1950. Na pesquisa urbana contemporânea, porém, as contribuições da Escola de Sociologia de Chicago têm sido negligenciadas, a julgar por balanços da produção nas ciências sociais do Brasil. Assinale-se o pequeno número de traduções para o português das obras dos

integrantes da Escola de Chicago. Entretanto, esta tem muitas lições a oferecer: suas práticas interdisciplinares e plurais de pesquisa, combinando teoria e empiria, uso de métodos quantitativos e qualitativos, diversidade de fontes e compromisso com a busca da compreensão crítica dos problemas sociais e políticos, sem resvalar para a militância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola de Sociologia de Chicago; pesquisa urbana; etnografia.

### LESSONS FROM THE CHICAGO SCHOOL OF SOCIOLOGY TO CONTEMPORARY URBAN RESEARCH IN BRAZIL

**ABSTRACT:** This article discusses the reception of the legacy of the Chicago School of Sociology to urban researchers in Brazil. Such School is defined as a group of researchers working in the Department of Sociology, under the leadership of W. Thomas and R. Park, from 1915 to 1935, in a first phase, and from 1945 to 1960, in a second phase, under the influence of H. Blumer and E. Hughes. Professors and their graduate students used an interdisciplinary perspective, combining quantitative and qualitative methods to do research on issues related to the rapid and disorderly growth of Chicago. The migratory flows from European regions and from the South of the United States caused the creation

of segregate areas where ethnic and occupational groups, including illegal ones such as gangs and prostitutes, settled in. The Chicago School influenced the beginning of the institutionalization of sociology in Brazil, by means of the presence of Donald Pierson in the Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, during the 1940s and the 1950s. In contemporary urban research, however, the Chicago School of Sociology's contributions have been neglected, judging by bibliographical surveys and the small number of translations to Portuguese. Yet it has many lessons to offer: its interdisciplinary and pluralistic practices of research, the combined use of quantitative and qualitative methods, diversity of sources and compromise to the search for critical comprehension of social problems and political problems, without slipping into militancy. **KEYWORDS:** Chicago School of Sociology. Urban research. Ethnography.

## INTRODUÇÃO

Este artigo, baseado em pesquisa em andamento, apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), problematiza a recepção, por estudiosos do urbano no Brasil, do legado da Escola de Sociologia de Chicago. Esta é aqui definida como um grupo de pesquisadores que trabalharam em conjunto no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago em dois períodos: de 1915 a 1935 (primeira Escola de Chicago) e de 1946 a 1960 (segunda Escola de Chicago), aproximadamente. Ainda que pesquisassem temas diversificados e não compartilhassem necessariamente os mesmos enfoques teóricos, tinham em comum a influência da filosofia pragmatista (JOAS, 1999), a interdisciplinaridade e o apreço pelo trabalho de campo.

Há controvérsias sobre a periodização e a própria existência da Escola de Chicago como uma tradição intelectual claramente identificável (BECKER, 1996; FINE, 1995; TOPALOV, 2007), sobretudo no que diz respeito a uma segunda Escola de Chicago (FINE, 1995). Contudo, Becker (1999, p. 9) identifica uma “escola de atividades”, caracterizada por práticas e métodos de pesquisa adotados em comum por pessoas que trabalhavam num determinado contexto social e institucional (BECKER, 1996, p. 177). No caso do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, criado em 1892, ocorreu a conjunção de proximidade física e interesses intelectuais similares (não idênticos), levando à formação de redes de professores e alunos de pós-graduação que levaram a cabo um programa de pesquisa abordando problemas comuns.

É importante reconhecer no Departamento de Sociologia de Chicago outro elemento que, segundo Bulmer (1986), caracteriza uma escola no sentido aqui considerado: a presença de fortes lideranças intelectuais. Na primeira Escola de Chicago, William Thomas e, posteriormente, Robert Park, cumpriram esse papel. Park ingressou na Universidade de Chicago em 1905, a convite de Thomas. Este, que já era professor do Departamento de Sociologia desde 1895, foi demitido em 1918, devido a um escândalo decorrente de questões pessoais. Alguns autores (JOAS,

1999; MATTHEWS, 1977) atribuem a demissão a posições contestatórias de Thomas que teriam desagradado a direção da Universidade de Chicago. Em seu lugar foi contratado Elisworth Faris, mas a liderança intelectual ficou com Park. Na segunda Escola de Chicago, não se verificaram lideranças indiscutíveis; havia várias clivagens (partidários de métodos quantitativos versus métodos qualitativos; ênfase na teoria versus ênfase na empiria; disputa entre abordagens macro versus abordagens micro). (FINE, 1995).

No início da década de 1950, o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago sofre sérias perdas (aposentadoria de Burgess, morte prematura de Louis Wirth e transferência de Blumer para a Califórnia). Entretanto, permanece forte a influência de Hughes, ex-orientando de Park, inclusive sobre a formação de Howard Becker, o que favoreceu a continuidade da Escola naquela década.

Como será visto, nas décadas de 1940 e 1950, a Escola de Sociologia Chicago exerceu forte influência sobre a formação de pesquisadores brasileiros, sobretudo em decorrência da participação de Donald Pierson, egresso do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, que permaneceu durante 18 anos no corpo docente da então recém-criada Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. (MASSÍ, 1989). Note-se que Pierson privilegiou a abordagem da “ecologia humana”, marcada por uma concepção organicista e reducionista da vida social, à qual aplicava conceitos trazidos diretamente da biologia. (PIERSON, 1970). Sua contribuição mais relevante para a sociologia foi de ordem metodológica, situando-se principalmente na ênfase que conferiu à pesquisa empírica, tendo orientado estudos de pequenas cidades. (MENDOZA, 2005).

Em termos da pesquisa urbana contemporânea, as contribuições da Escola de Chicago têm sido negligenciadas, como se constatou em consulta a balanços sobre a produção bibliográfica nessa área (FRESHSE; LEITE, 2010; BARREIRA; LIMA, 2012). Eckert (2010) dedica-lhe apenas um parágrafo. O pouco reconhecimento da importância da Escola de Chicago reflete-se na escassez de material bibliográfico disponível em português. As poucas traduções existentes de textos dos pesquisadores daquela Escola estão esgotadas, como é o caso das coletâneas organizadas por Otavio Velho (1967) e Donald Pierson (1970). A primeira contém um texto onde Robert Park (1967) delinea um programa de pesquisas sobre a cidade, e outro onde Louis Wirth (1967) discute os elementos de um conceito culturalista de urbano. Já a coletânea publicada por Pierson contém apenas textos sobre ecologia humana. Alguns dos inúmeros textos de Park só foram publicados em português recentemente (VALLADARES, 2018). Obras de referência sobre a Escola de Sociologia de Chicago (BULMER, 1986; CHAPOULIE, 2001; FINE, 1995) também permanecem sem tradução.

É lamentável que as etnografias realizadas nas teses dos alunos nos anos 1920 e 1930 permaneçam todas inéditas em português. Só em anos recentes foram traduzidas duas obras exemplares dos métodos e temáticas da Escola de Sociologia de Chicago: **Sociedade de Esquina**, de Foote-Whyte (2005) e **Outsiders**, de Becker (2008).

Goffman teve mais sorte, com dois livros publicados já em meados da década de 1970, e republicadas (**Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** (GOFFMAN, 1988); e **Manicômios, prisões e conventos** (GOFFMAN, 2005)).

É provável que essa negligência se deva à crítica ao reducionismo e determinismo espacial da abordagem da “ecologia humana” de Park e Burgess e à rejeição à sociologia americana no contexto político brasileiro dos anos 1960 e 1970, como será visto. Entretanto, propõe-se que o legado da Escola de Sociologia de Chicago seja avaliado tendo em conta a gama diversificada de estudos interdisciplinares produzidos por integrantes daquela Escola sobre a cidade e seus personagens. Também se deve considerar os aportes teórico-metodológicos e pesquisas empíricas da segunda Escola de Chicago, fortemente influenciada pelo interacionismo simbólico de Blumer, pelas contribuições metodológicas e substantivas de Becker para o estudo do “comportamento desviante” e pelas formulações de Goffman para o estudo de interações face-a-face no espaço público. Neste último caso, pode-se identificar na antropologia urbana uma apropriação das ideias e métodos desses dois autores desde a década de 1970, sobretudo em trabalhos realizados por Gilberto Velho, professor (já falecido) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional (VELHO, 2002; 2005).

Na mesma época, a geografia e o planejamento urbanos incorporaram ou dialogaram criticamente com os aportes teóricos da “ecologia humana” e com teorias desenvolvidas para explicar os padrões de distribuição de atividades e classes sociais no espaço urbano, configurando a estrutura da cidade, tendo como referência, principalmente, o modelo de círculos concêntricos elaborado por Burgess (EUFRÁSIO, 1999). No entanto, nem nestes nem em outros campos disciplinares concernentes ao urbano verificou-se significativa influência da metodologia de corte etnográfico desenvolvida pioneiramente pela Escola de Chicago.

Contudo, o legado teórico e metodológico da Escola de Chicago tem muito a contribuir para o aprofundamento da agenda de pesquisa sobre a cidade contemporânea e para o refinamento de seus métodos. Afinal, uma das preocupações daqueles pesquisadores era a tensão decorrente de fortes desigualdades socioeconômicas e culturais, refletidas em processos de segregação urbana, e da convivência de estranhos no espaço público, típica da metrópole moderna – tensão reposta na cidade contemporânea pelo processo de globalização (LOPES, 2005), onde a cidadania multicultural encontra seus limites em políticas neoliberais.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Como foi dito, o foco dos trabalhos elaborados no âmbito da Escola de Sociologia de Chicago foram os problemas da cidade moderna, principalmente a própria Chicago (JOAS, 1999). Em seus primórdios, a cidade do meio-oeste americano não passava de um pequeno entreposto, com pouco mais de quatro mil habitantes em 1840.

Cinquenta anos mais tarde, sua população era superior a um milhão de pessoas; em 1910, superava dois milhões e em 1930, chegava a mais de três milhões de habitantes (BULMER, 1984). Esse crescimento vertiginoso deveu-se a intensos fluxos migratórios, constituídos por famílias oriundas da Europa (alemães, italianos, irlandeses, escandinavos, lituanos, poloneses, judeus russos e outros). A esse “melting pot” agregavam-se famílias procedentes de áreas rurais do próprio país, principalmente negros vindo de Estados do sul.

Em 1920, 75% dos habitantes de Chicago eram estrangeiros ou descendentes diretos de estrangeiros (CAREY, 1975), que transformaram a cidade “em um laboratório humano” e “em um canteiro de obras culturais” (JOSEPH, 2005, p. 100). Tanto é que por volta de 1915, havia em Chicago 19 jornais diários, publicados em sete línguas diferentes (PARK, 1967 [1916]). O crescimento demográfico e econômico de Chicago foi impulsionado por sua posição de entroncamento ferroviário, que favoreceu a concentração de atividades industriais e comerciais dinâmicas, como indústrias de processamento de carne e metalúrgicas, comércio de trigo, produção de veículos etc. Em áreas poluídas e sem saneamento alojava-se a população trabalhadora, dividida espacialmente, grosso modo, de acordo com a procedência. A aglomeração de atividades e grupos em diferentes porções do espaço urbano viria a ser um tema recorrente nos trabalhos dos pesquisadores: escrevendo em meados de 1916, Robert Park destaca a presença, “em toda cidade grande”, de “guetos e áreas de segregação populacional”, além de “distritos de vício segregados”, “pontos de encontro para criminosos de todos os tipos”, “subúrbios ocupacionais” e seus “quistos residenciais” (PARK, 1967 [1916], p. 29).

Chicago era um lugar de contrastes. Por um lado, nela se desenvolvia um capitalismo tão vigoroso quanto selvagem, que apostava na farta disponibilidade de mão-de-obra para manter precárias condições de salubridade e jornadas de trabalho de 12 a 14 horas nos estabelecimentos fabris e comerciais. A cidade foi palco de um intenso movimento operário, do qual resultou uma grande greve em 1894, severamente reprimida. A violência, frequentemente associada ao crime organizado e à corrupção da máquina político-administrativa, era uma constante no cotidiano dos habitantes.

Por outro lado, a metrópole destacava-se como centro de arte e cultura, tendo se tornado um dos berços da arquitetura modernista. Para tanto contribuíram as oportunidades para novas construções, criadas pela destruição provocada pelo grande incêndio de 1871 (COULON, 1995; BULMER, 1984). A modernidade da metrópole foi exibida ao mundo na Exposição Mundial de 1893, que ela sediou.

Há que destacar a forte influência da religião protestante, que aliava à fé a vocação filantrópica e o patrocínio de atividades artísticas. (EUFRÁSIO, 1995). Não por acaso, a criação da Universidade de Chicago, em 1892, deveu-se à iniciativa do magnata de petróleo John D. Rockefeller, que confiou a tarefa a William Harper, um ex-pastor batista. Este convidou para ingressar no corpo docente da instituição Albion Small, Ph.D em história, com prévia formação em teologia, que persuadiu Harper a

criar o primeiro Departamento de Sociologia de uma Universidade americana.

O Departamento iniciou suas atividades concomitantemente com a Universidade, em 1892. Apesar da orientação religiosa e reformista de vários trabalhos realizados durante seus primeiros anos, prevaleceu a preocupação com o caráter científico da Sociologia – tanto é que Thomas e Park repudiavam o uso de pesquisas para denunciar problemas sociais. Não estavam alheios às responsabilidades políticas dos sociólogos, mas exigiam a aplicação de padrões rigorosos de pesquisa científica (JOAS, 1999).

A Escola de Chicago foi pioneira na abordagem interdisciplinar do urbano, a começar pelo fato de reunir num mesmo departamento a sociologia e a antropologia, que só foram separadas em 1929. Havia um diálogo constante com outras disciplinas, em especial a filosofia pragmatista de John Dewey e a psicologia de George Herbert Mead (JOAS, 1999). As ideias destes seriam cruciais para o interacionismo simbólico, corrente que viria a ter forte influência no pensamento sociológico a partir da década de 1960. Aportes da geografia, da demografia e da economia também foram incorporados, particularmente nas teorias sobre a estrutura urbana (EUFRÁSIO, 1999).

A primeira Escola de Chicago recebeu a influência de pensadores europeus, como Spencer, Tönnies, Durkheim e Simmel. As características de anonimato, impessoalidade e racionalidade que este último atribui à vida na metrópole (SIMMEL, 1967) estão presentes nas concepções de cidade elaboradas por Wirth (1967) e Park (1967).

O pioneirismo da Escola de Chicago também sobressai na formulação de métodos qualitativos, a partir da obra de William Thomas e do sociólogo polonês Florian Znanieki, **The Polish peasant in Europe and America**, publicada em 1918, onde os autores utilizaram fontes até então estranhas à pesquisa científica: reportagens de jornais, cartas, diários e histórias de vida.

O trabalho de campo, combinando observação participante e entrevistas, foi uma marca também de outras pesquisas desenvolvidas por professores e alunos em Chicago. Escrevendo em 1960, Hughes, ex-orientador de Becker, afirmava:

[...] o trabalho de campo não é apenas um entre vários métodos de estudo social, mas é o mais importante. Mais do que outros métodos de estudo, é uma prática em si mesmo, empreendida conscientemente, na própria sociologia – na percepção e previsão de papéis sociais, tanto o próprio como os de outrem. (p. ix). [...] Se algum método de campo apresenta qualquer sentido peculiarmente sociológico, evidentemente este é um deles. (HUGHES, 1971 [1960]:xvii).

Merecem destaque os trabalhos desenvolvidos por alunos de Park ou Burgess, que Deegan (2007) classifica como “core ethnographies”, realizados nas décadas de 1920 e 1930. Esses trabalhos, onde os pesquisadores analisavam a vida cotidiana de grupos específicos e suas interações simbólicas (DEEGAN, 2007, p. 11), foram, entre outros: **The hobo**, de Nels Anderson (1923); **The gang**, de Frederick Tashner (1927); **The ghetto**, de Louis Wirth (1928); **The Gold Coast and the slum**, de Harvey Zorbaugh (1929); **The jack roller**, de Clifford Shaw (1930); e **The daxi-dancer girl**, de Paul Cressey (1932). O enfoque etnográfico não excluía o uso de mapas, estatísticas

e documentos oficiais, que permitiam uma visão mais ampla e menos subjetiva dos fenômenos estudados.

Uma das críticas recorrentes à Escola de Chicago é a ausência de teoria em seus trabalhos, que careceriam de generalizações aplicáveis a outros contextos. Essa crítica tem por base a concepção de teoria como um conjunto de proposições sobre categorias abstratas como “burocracia”, “capitalismo” ou “gênero”, e a relação destas com “variáveis” (ABBOTT, 1997, p. 1152). Entretanto, quando a teoria é concebida como proposições relativas a uma realidade específica, situada no tempo e no espaço (delinquência juvenil, segregação urbana, guetos), as pesquisas realizadas no âmbito da Escola de Sociologia de Chicago apresentam grande contribuição teórica. Segundo Abbott (1997, p.1152), para os pensadores dessa Escola

[...] nenhum fato social faz sentido quando abstraído do seu contexto do espaço e do tempo social (e geográfico). Fatos sociais são localizados. Isto significa um foco nas relações sociais e na ecologia em análise sincrônica, como significa um foco semelhante sobre o processo numa análise diacrônica. Cada fato social é situado, rodeado por outros fatos contextuais trazidos à luz por um processo que o relaciona a contextos passados (tradução livre, da autora deste artigo).

Alunos e professores realizavam etnografias, à semelhança do que faziam os antropólogos, desde Malinowski – com a diferença de que a antropologia dedicava-se principalmente ao estudo de grupos “exóticos” ou tradicionais. A eleição da cidade como locus da pesquisa antropológica só viria a acontecer na década de 1970 (HANNERZ, 1980). Tal como a antropologia urbana contemporânea, os pesquisadores da Escola de Chicago trabalharam com temas micro e estudaram grupos cujo comportamento divergia das normas vigentes: “hobos” (andarilhos), prostitutas, delinquentes juvenis, gângsteres, migrantes etc.

Durante os anos 1920 e até meados da década de 1930, Chicago foi o principal centro da produção sociológica nos EUA: a maior parte dos presidentes da Associação Americana de Sociologia era constituída por professores daquela instituição (BULMER, 1984), de onde também provinham os editores do principal periódico da área, *The American Journal of Sociology*. No período posterior à II Guerra, sua influência declinou, sobrepujada que foi por outras universidades: Harvard, onde Talcott Parsons desenvolveu um teoria geral estrutural-funcionalista isolada de um programa de pesquisa empírica; e Columbia, onde Robert Merton elaborou teorias funcionalistas de “médio alcance” e Paul Lazarsfeld conduziu surveys e pesquisas de opinião, marcando o início do predomínio dos métodos quantitativos na sociologia. (GUSFIELD, 1995).

No Brasil, pode-se identificar a influência da Escola de Sociologia de Chicago no início da institucionalização das ciências sociais, pela presença de um de seus integrantes, Donald Pierson, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, de 1939 a 1952, como já mencionado. Pierson foi responsável pela formação de vários pesquisadores brasileiros (VALLADARES, 2005): sob sua influência, foram realizados trabalhos sobre relações étnicas, “estudos de comunidade” e um pequeno número de pesquisas que se poderiam classificar como urbanas (MENDOZA, 2005).

Note-se que Pierson privilegiou a abordagem da “ecologia humana”, marcada por uma concepção organicista e reducionista da vida social, à qual aplicava conceitos trazidos diretamente da biologia. (PIERSON, 1970). Sua contribuição mais relevante para a sociologia foi de ordem metodológica, situando-se principalmente na ênfase que conferiu à pesquisa empírica.

Nas décadas de 1960 e 1970, o clima político e intelectual no Brasil, marcado pela crítica ao imperialismo norte-americano, concorreu para a rejeição das ciências sociais produzidas nos Estados Unidos, atingindo as formulações da Escola de Chicago (VELHO, 2005). Prevaleceram na sociologia brasileira abordagens influenciadas pelo marxismo, contemplando temas macrossociológicos, como classes sociais, Estado e desenvolvimento capitalista. Mesmo quando eram abordados temas diretamente ligados ao urbano (favelas, habitação em geral, migração rural-urbana e outros), a dimensão espacial da dinâmica societária não era explicitada, ou era mesmo negada. Para tanto, muito contribuiu a influência de pensadores como Castells (1983), cujo foco eram as determinações estruturais do capitalismo na produção do espaço urbano.

Na antropologia, o interesse por questões urbanas, manifestado a partir da década de 1970, não modificou o enfoque micro dos fenômenos estudados, buscando sua expressão em práticas e representações de sujeitos sociais, mediante o trabalho de campo etnográfico. Entretanto, o espaço urbano era considerado um mero “invólucro” desses fenômenos, um locus que não lhes conferiria qualquer especificidade: tratava-se de fazer antropologia **na** cidade, e não antropologia **da** cidade (MACHADO DA SILVA; VELHO, 1977).

## O URBANO COMO OBJETO DE PESQUISA NO BRASIL

O urbano tem sido objeto de pesquisa em um número crescente de disciplinas das áreas de ciências humanas e ciências sociais aplicadas. Um balanço preliminar da produção sobre essa temática no Brasil indica como seu ponto de partida estudos monográficos desenvolvidos nos anos 1930 por geógrafos, aos quais se foi agregando a produção de outras disciplinas como sociologia, demografia, administração pública, economia, história, urbanismo, planejamento urbano, ciência política e direito urbanístico (VALLADARES; COELHO, 1997). Algumas dessas disciplinas reconheceram o urbano como uma subárea, o que foi ressaltado em balanços críticos relativos a cada uma delas: geografia (ABREU, 2002); história (BRESCIANI, 2002); sociologia (FRESHSE; LEITE, 2010); e antropologia (ECKERT, 2010; FRÚGOLI, 2005).

Não há espaço, aqui, para discutir a influência da Escola de Chicago sobre as ciências sociais lato sensu ou as ciências sociais aplicadas. No que se refere à sociologia e à antropologia urbanas, até a década de 1980 havia resistência à incorporação da dimensão espacial na teoria e na pesquisa, como foi mencionado. A “virada” em direção a fenômenos de ordem micro e à esfera do cotidiano de bairros e periferias deve muito ao contexto político dos anos 1970, quando eclodiram movimentos sociais urbanos,

com reivindicações pertinentes à reprodução da vida social (habitação, saneamento, escolas, creches, etc.). Tratavam-se de fenômenos novos, pois fugiam aos modelos explicativos clássicos, que enfatizavam o papel das contradições capitalistas, do Estado e da luta de classes (SADER, 1988). Nesse momento, o estudo dos movimentos sociais urbanos passa a incorporar os métodos da antropologia de forma assistemática e pouco crítica, confundindo militância com pesquisa de campo – uma prática que Durham (1986) denominou de “participação observante”, e que a Escola de Chicago não admitiria. Desde então, a popularidade da pesquisa etnográfica tem aumentado, mas nem sempre tem sido acompanhada da formação sistemática para a utilização de métodos qualitativos em geral (MAGNANI, 2012). Note-se que o primeiro requisito da observação participante é justamente a capacidade de inserir-se no grupo, obter sua confiança e conseqüentemente, sua colaboração, ao mesmo tempo em que se mantém a própria identidade de pesquisador.

Em termos substantivos, a abertura à contribuição de outras disciplinas, como a geografia e o urbanismo, ensejou um maior reconhecimento do espaço como elemento constitutivo das relações sociais (BARREIRA; LIMA, 2012). Mesmo assim, nota-se que esse reconhecimento ainda é incipiente, como aponta Bringel (2012), ao propor uma agenda para o estudo dos movimentos sociais contemporâneos:

[...] o lugar e o espaço devem ser entendidos como esferas de luta e elementos definidores do movimento social. Nos últimos anos, esse esforço analítico transcende o trabalho dos geógrafos e se insere em um spatial shift mais amplo nas ciências sociais e humanas, informando parte do debate pós-estruturalista e pós-moderno, e pressionando a reconsideração do espaço dentro da teoria social.

De qualquer forma, pode-se dizer que a eclosão dos movimentos sociais urbanos contribuiu para a renovação teórico-metodológica das ciências sociais na década de 1980, o que, por sua vez, afetou as práticas de pesquisa urbana.

Infelizmente, essa renovação não foi suficiente para romper as barreiras disciplinares que os estudiosos do urbano, por vezes, se colocam, mesmo quando se propõem a reconhecer “interfaces”, como faz Frúgoli a respeito da sociologia e da antropologia urbanas (2005, p.134):

Não se está propondo aqui uma interdisciplinaridade ou “transdisciplinaridade” entre antropologia e sociologia, mas uma perspectiva disciplinar, ou seja, um eixo de análise (no caso antropológico) com objetos e métodos próprios que incorpora, numa perspectiva hierárquica, outros campos do saber.

## CONCLUSÃO

Quando se tem um objeto multifacetado, como é o caso da cidade, trata-se mais do que uma incorporação “hierárquica” de outros campos do saber (a qual deles caberia a primazia?); trata-se de um trabalho que já se deveria iniciar colaborativo, como as tantas pesquisas realizadas pela Escola de Sociologia de Chicago. Vale a

pena conhecer melhor essa experiência institucional para aproveitar suas lições quanto à interdisciplinaridade, a pluralidade de métodos e a combinação entre compromisso ético-político e distanciamento crítico. Infelizmente, as lições da Escola de Sociologia de Chicago nesse sentido têm sido pouco aproveitadas.

## REFERÊNCIAS

ABBOTT, Andrew. Of time and space: the contemporary relevance of Chicago School. **Social Forces**, v. 4, n. 75, jun. 1997.

ABREU, Mauricio. A cidade da geografia no Brasil. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2002, p. 42-59.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo; LIMA, Geísa Mattos de Araújo. Subversões do olhar: evidências temporais de uma microssociologia dos espaços urbanos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 69, p. 529-544, set/dez. 2013.

BECKER, Howard. A Escola de Chicago. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.

\_\_\_\_\_. The Chicago School, so-called. **Qualitative Sociology**, v. 2, n. 1, p. 3-12, 1999.

\_\_\_\_\_. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BLUMER, Herbert. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley: University of California Press, 1986

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2002, p. 16-35.

BRINGEL, Breno. Com, contra e para além de Charles Tilly: Mudanças teóricas no estudo das ações coletivas. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 43-67, 2012.

BULMER, Martin. **The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research**. Chicago and London: The University Press of Chicago, 1986.

CAREY, James T. **Sociology and public affairs: the Chicago School**. Beverly Hills: Sage Publications, 1975.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1983.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

DEEGAN, Mary Jo. The Chicago School of Ethnography. In: ATKINS et al. (Orgs.). **Handbook of ethnography**. [local?] Sage Publications, 2007. p. 11-25.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 17-37.

ECKERT Cornélia. Cidade e política: nas trilhas de uma antropologia *da e na* cidade no Brasil. In: MARTINS, Carlos Benedito (Coord.) **Antropologia**. São Paulo: Horizontes das Ciências Sociais no Brasil; Anpocs, 2010.

- EUFRÁSIO, Mario Antonio. **Estrutura urbana e ecologia humana: A escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FINE, Gary Alan. (Org.). **A second Chicago School? The development of a postwar American Sociology Chicago and London**, The University of Chicago Press, 1995.
- FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FREHSE, Fraya; LEITE, Rogério Proença. Espaço Urbano no Brasil. **Sociologia**, São Paulo: Anpocs, 2010. (Horizontes das Ciências Sociais no Brasil).
- FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 48, n.1, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GUSFIELD, Joseph. Preface. In: FINE, Gary Alan. (Org.). **A second Chicago School? The development of a postwar American Sociology Chicago and London**, The University of Chicago Press, 1995.
- HANNERZ, Ulf. **Exploring the city**. New York: Columbia University Press, 1980, pp. 19-367.
- HUGHES, Everett. Introdução: o papel do trabalho de campo nas Ciências Sociais. In:\_\_\_\_\_.  
 JUNKER, Buford H. **A importância do trabalho de campo: introdução às Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971 [1.ª edição do original: 1960].
- JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. (orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.
- LOPES, Juarez Brandão. A Escola de Chicago ontem e hoje: um depoimento pessoal. In: VALLADARES, Licia do Prado. (Org.). **A escola de Chicago**. Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MACHADO DA SILVA, Luis Antonio; VELHO, Gilberto. A Organização Social do Meio Urbano. **Anuário Antropológico**, n.76, p. 71-83, 1977.
- MAGNANI, José Guilherme. A etnografia e um metodo, nao uma mera ferramenta de pesquisa...*que se pode usar de qualquer maneira*. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 2, jul./dez. 2012, p. 169-178.
- MASSI, Fernanda. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras 1930-1960. In: MICELI, Sergio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1. São Paulo: Vértice, 1989. p. 410-457.
- MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, ano 7, n. 14, p. 440-470, jun/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819559015>>. Acesso em: 21 ago.2014.
- PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de ecologia humana**. Tomo I. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida do espírito. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

TOPALOV, Cristian. Para um historicismo reflexivo na história das ciências: o caso da “Escola de Chicago” na sociologia. **Urbana – Revista eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade,** São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2007.

VALLADARES, Lícia do Prado (Org.). **A sociologia urbana de Robert Park.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2018.

\_\_\_\_\_. (Org.) **A escola de Chicago.** Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_; COELHO, Magda (Orgs.). **Sistematização da produção de pesquisas sobre o urbano no Brasil.** Rio de Janeiro: UrbanData Brasil/IUPERJ, 1997 (Relatório Final, v. 1).

VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a antropologia no Brasil. **Ilha,** Florianópolis, vol. 4, n.1, p.5-16, jul. 2002.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a Escola de Chicago. In: VALLADARES, Licia do Prado. (Org.). **A escola de Chicago.** Impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agricultura urbana: 47, 49, 50, 51

Ambiente: 50, 74, 77, 79, 111, 129, 134, 196, 197

Análise de Conteúdo: 13

Arquitetura: 2, 5, 38, 53, 54, 57, 65, 66, 68, 79, 91, 113, 118, 120, 125, 133, 137, 146, 168, 173, 185, 188, 200, 210, 224, 233, 234, 236, 240, 247, 261, 266, 267, 278, 301, 303

### C

Cartografia Social: 250, 251, 254, 259, 260, 262

Centro cultural: 289

Cultura: 33, 77, 99, 102, 103, 127, 151, 173, 189, 197, 253, 261, 262, 266, 269

### E

Espaços Públicos: 162

Etnografia: 96, 99

### I

Identidade: 91, 196, 250, 251, 275

### M

Mapeamento Participativo: 250, 255

Monumentos Culturais: 264

### N

Natureza: 68, 74, 130, 211, 218, 300

### P

Paisagem: 7, 8, 9, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 88, 89, 91, 92, 94, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 113, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 146, 149, 150, 160, 162, 165, 172, 173, 175, 185, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 200, 203, 205, 208, 210, 211, 224, 237, 250, 251, 253, 254, 257, 258, 259, 261, 262, 291, 292, 300, 304

Paisagismo: 304

Patrimônio Cultural: 75, 102, 103, 133, 154, 210, 253, 260, 262, 269, 270, 275, 303, 304

Pesquisa urbana: 304

Planejamento: 23, 65, 79, 89, 146, 149, 160, 213, 250, 251, 262, 303, 304

Política habitacional: 113, 304

Políticas Públicas: 197, 304

Projeto arquitetônico: 304

Proteção urbana: 304

## **S**

Sustentabilidade: 50, 304

## **T**

Território: 79, 250, 251, 304

## **U**

Urbanismo: 2, 5, 38, 53, 65, 68, 79, 91, 113, 120, 125, 137, 146, 159, 168, 173, 188, 200, 224, 233, 236, 261, 266, 267, 278, 281, 290, 303, 304

Urbano: 10, 24, 58, 59, 89, 139, 146, 147, 210, 213, 227, 228, 304

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-485-6

